

O canto do Moçambola: Campeonato Moçambicano de Futebol, campo fértil para investigações

The Song of the *Moçambola*:
Mozambican Football Championship, Fertile Ground for Investigations

Gustavo Cerqueira Guimarães

Leitorado Brasileiro/MRE
Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, UFMG
gustavocguimaraes@hotmail.com

RESUMO: Este relato de pesquisa contextualiza a investigação sobre “Hinos e cânticos de futebol em Moçambique”, expõe como se deu a minha aproximação da torcida do Clube de Desportos da Costa do Sol, durante o campeonato nacional de 2019, em busca dos cantos de seus torcedores, e apresenta a história do Campeonato Moçambicano de Futebol (Moçambola), apontando traços singulares do Costa do Sol, fundado em 1955, além de abordar, através de portais de notícias, as paralisações dessa competição ao longo dos dois últimos anos pandêmicos. Mostram-se também registros dessa pesquisa de campo: cânticos, fotografias e um vídeo em dia de jogos. O texto, de apelo também ensaístico, revela bastidores dessa etnografia demonstrando ao mesmo tempo o Moçambola como um potente palco de investigações no campo das artes, da linguagem, identidade e memória.

PALAVRAS-CHAVE: Cânticos de futebol; Campeonato Moçambicano de Futebol; Futebol e memória; Clube de Desportos da Costa do Sol; Cultura popular.

ABSTRACT: This research contextualizes the investigation of “Anthems and Songs of Football in Mozambique”. Such work exposes how the fans of *Clube de Desportos da Costa do Sol* were approached, during the 2019 national championship. In addition to a study of such fans' songs, this work presents the history of the Mozambican Football Championship (*Moçambola*), characterizing unique traits of *Costa do Sol*, founded in 1955, and addressing via news portals, the stoppages of this competition over the last two pandemic years. Records of this research are also shown through songs, photographs, and a video on game day. The essayistic text reveals the backstage of this ethnography, while demonstrating *Moçambola* as a powerful stage for investigations in the field of arts, language, identity, and memory.

KEYWORDS: Songs of Football; Mozambican Football Championship; Football and Memory; Clube de Desportos da Costa do Sol; Popular Culture.

O CONTEXTO DESTE TEXTO

Escrever nada tem a ver com significar,
mas com cartografar.

Deleuze e Guattari.

Estudos mais recentes têm argumentado que, no continente africano, se de um lado a prática esportiva foi utilizada por regimes coloniais como ferramenta de diferenciação social e de disciplinarização dos nativos, de outro foi apreendida como alternativa para expressar discordâncias com o poder constituído, notadamente por sua visibilidade e capacidade de aglutinar.¹

Nesta passagem da apresentação de seu livro sobre o esporte na Guiné Portuguesa, Victor Andrade de Melo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos pesquisadores centrais para se pensar a história e o desenvolvimento do esporte na África, sobretudo lusitana, aponta para um caminho que vai ao encontro do que parece ser um dos campos mais promissores de pesquisa sobre a linguagem relacionada ao futebol em Moçambique.

Trata-se dos cânticos compostos e entoados em línguas nativas pelos torcedores das equipes que disputam o Campeonato Moçambicano de Futebol, o Moçambola, que, além de incentivarem os jogadores, mantêm vivas suas línguas maternas, predominantemente usadas em espaços informais, embora, hoje, também “circulem” em espaços oficiais. Assim, é possível arriscar e dizer que a manifestação dos cânticos em língua nativa, sem dúvida, também contribuiu para a conservação das línguas, afinal, a prática esportiva “parecia menos suspeita por não pertencer ao grupo das óbvias atividades políticas”.²

Em Moçambique, segundo recentes estudos realizados por David Langa, da Universidade Eduardo Mondlane, apesar de a lusitana língua ser a oficial e usada em todo o país, ela é apenas a segunda mais falada. As principais línguas moçambicanas são macua, xichangana, mais falada na capital, e sena.³ Veja, abaixo, o quadro da situação linguística do país:

¹ MELO. *Jogos de contrastes: o esporte na Guiné Portuguesa*, 2020, p. 15.

² MELO. *Jogos de contrastes: o esporte na Guiné Portuguesa*, 2020, p. 15.

³ ATLAS linguístico de Moçambique, DRI/CEA/UFMG, 2022. Palestras de Carlos Manuel, David Langa, Paulo Covele.

Situação Linguística de Moçambique						
Nº	Língua	2007		2017		Províncias
		Falantes	%	Falantes	%	
01	Makhuwa	3.097.788	26.1	5.866.643	26.4	Cabo Delgado, Nampula, Niassa, Sofala, Zambézia
02	Português	1.693.024	10.8	3.709.868	16.7	Todas as províncias do país
03	Changana	1.660.319	10.5	1.926.879	8.7	Gaza, Maputo, Maputo Cidade, Inhambane, Niassa
04	Sena	1.218.337	7.8	1.586.703	7.1	Manica, Sofala, Tete, Zambézia
05	Lomwe	1.136.073	7.2	1.606.600	7.2	Nampula, Niassa, Zambézia
06	Nyanja	903.857	5.8	1.532.411	6.9	Niassa, tete, Zambézia
07	Chuwabo	716.169	4.8	1.060.852	4.8	Nampula, Sofala, Zambézia
08	Ndau	702.464	4.5	840.946	3.8	Manica, Sofala
09	Tshwa	693.386	4.4	841.643	3.8 daslanga	Gaza, Inhambane, Maputo, Sofala

Fonte: Atlas linguístico de Moçambique/David Langa.

Do ponto de vista geográfico e demográfico, a República de Moçambique é predominantemente rural e pouco industrializada. Possui cerca de 30 milhões de habitantes, distribuídos pelo extenso território ao sul oriental do continente africano, em sua grande maioria negros, e faz fronteira com Tanzânia, Zâmbia, Maláui, Zimbábue, Suazilândia e África do Sul. Nesses países, as línguas autóctones são consideradas oficiais pelo governo local, com exceção de Zâmbia e Moçambique que possuem, respectivamente, o inglês e o português como línguas do Estado. Embora cerca de 80% da população moçambicana fale alguma língua de origem *bantu*,⁴ é a língua de Camões a considerada pacificadora, a “língua da unidade nacional”.⁵

Moçambique ocupa a 35ª posição na escala dos maiores países do mundo, sendo distribuído em três extensas regiões, sul, centro e norte, que por sua vez se dividem em onze províncias: Maputo, Cidade de Maputo, Gaza e Inhambane (meridional); Sofala, Manica, Zambézia e Tete (central); e Nampula, Cabo Delgado e Niassa (setentrional).

⁴ “[...] o termo Bantu é usado para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por perto de 220 milhões de pessoas numa vasta região da África contemporânea, que se estende a sul da linha que vai desde os montes Camarões, junto à costa atlântica, até à foz do rio Tana, no Quênia, abrangendo os seguintes países: África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões, Congo, Gabão, Guiné Equatorial, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Moçambique, Namíbia, Quênia, República Democrática do Congo, Ruanda, Swazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbabwe”. PATEL; MAJUISSE; TEMBE. *Manual de línguas moçambicanas*, p. 27.

⁵ PATEL; MAJUISSE; TEMBE. *Manual de línguas moçambicanas*, p. 31.

Para caminharmos lado a lado com o futebol, é relevante identificar como se dá a distribuição das equipes do Moçambola pelo mapa do país. A primeira divisão do último campeonato, por exemplo, contou com 14 clubes, sendo a metade deles, sete, do sul do país, Black Bulls (campeão), Costa do Sol, Ferroviário de Maputo, Liga Desportiva de Maputo, Incomáti de Xinavane, Desportivo Maputo e Textáfrica; quatro da região central, Ferroviário da Beira, UD Songo, AD Vilankulo, Matchedje de Mocuba; e três do norte, os Ferroviários de Lichinga, Nacala e Nampula. Interessante observar os nomes dos times, uns com referência às línguas europeias e outros às línguas moçambicanas. Como visto, apesar de termos representantes de todas as regiões, Maputo centraliza o mundo do Moçambola. E vale dizer, desde sua fundação.



Fonte: Atlas linguístico de Moçambique/David Langa.

A “Terra da Boa Gente”, assim apelidada pelo navegador português Vasco da Gama, possui próspera costa marítima, com movimentação portuária em Maputo, Beira, Nacala, Pemba e Quelimane, e imenso potencial turístico, com destaque para as extraordinárias praias e as personalidades dos nativos que atraíram a sensibilidade de ninguém menos que Bob Dylan, expressa na canção “Mozambique”, em parceria com Jacques Levy. Lançada no álbum *Desire*, de 1976, os versos

retratam o clima idílico e eufórico “numa terra mágica”⁶ que acabara de se emanar: “[...] é tão único estar/ Entre as pessoas lindas que vivem livres/ Na praia do ensolarado Moçambique”.⁷

APROXIMAÇÃO DO OBJETO E DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Com o objetivo de ensinar e pesquisar comparativamente literatura, arte e cultura brasileiras por quatro anos na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane e no Centro Cultural Brasil Moçambique, cheguei a Maputo em agosto de 2019.⁸ A proposta inicial de investigação, sem pormenorizar, consistia em recolher e analisar as letras dos hinos dos clubes do futebol moçambicano, considerando seus aspectos “épicos, líricos e dramáticos”, de acordo com os estudos de Elcio Cornelsen, sobretudo, o artigo “Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares” (2012). No entanto, como ainda costuma ocorrer em estudos dessa natureza, foi prevista a possibilidade de tais hinos não serem encontrados. Apesar de algumas pistas em buscas pela internet (sites dos clubes e de estudos acadêmicos, bibliotecas, *YouTube* etc.), não foi ainda possível saber ao certo sobre a existência ou não dos “hinos oficiais” dos clubes de futebol em Moçambique, compostos ao modo europeu como ocorrido no Brasil e em Angola, por exemplo. Segundo estudo anterior, “podemos aventar a hipótese de que se algum dia o hino do Costa do Sol foi criado igualmente foi deixado de lado, pois não faz parte da atual memória dos adeptos e do clube”.⁹

Este primeiro impasse mobilizou-me para uma pesquisa de caráter etnográfico e passei a frequentar o Campeonato Moçambicano de Futebol, especialmente o campo do Costa do Sol, à procura de registrar, por meio de gravações, os cânticos entoados pelos torcedores. Como base, utilizaria as instigantes contribuições da tese de Pedro Marra, em Comunicação, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), inti-

⁶ DYLAN. *Bob Dylan: Letras (1975-2020)*. Trad. Caetano W. Galindo, 2021. Original: “[...] in a magical land”.

⁷ DYLAN. *Bob Dylan: Letras (1975-2020)*. Trad. Caetano W. Galindo, 2021. Original: “[...] it’s so unique to be/ Among the lovely people living free/ Upon the beach of sunny Mozambique”.

⁸ Bolsa de Leitorado Brasileiro/Ministério das Relações Exteriores (2019-2023).

⁹ GUIMARÃES; CORNELSEN. *Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique*, 2021, p. 313.

tulada *Vou ficar de arquibancada pra sentir mais emoção? Técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro* (2017). Na edição de julho de 2021 do Ciclo de Palestras do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, Pedro Marra, atualmente, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, a convite do grupo, apresentou seu trabalho “*Eu acredito!:* performances de futebol e acustemologia torcedora”, promovendo um riquíssimo debate, conforme ata elaborada pelo líder do núcleo na ocasião. Nesse trabalho, os cânticos, versos e gritos manifestados em sonoridades variadas pela torcida são agregados dentro do espectro “expectatorial do futebol”, porque os elementos expressivos a exemplo da vibração e do tremular de bandeiras são compreendidos como *presença*, como *performance*, pensada aqui também a partir do incontornável Paul Zumthor (2010), referência quando o assunto é poética oral. Afinal,

É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz proclama emanção do nosso ser. A escrita também comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se liberar. A voz aceita beatificamente sua servidão. A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou aquilo com que o homem os representa). A poesia não mais se liga às categorias do fazer, mas às do processo: o objeto a ser fabricado não basta mais, trata-se de suscitar um sujeito outro, externo, observando e julgando aquele que age aqui e agora. É por isso que a performance é também instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas da unicidade de uma *presença*.¹⁰

Apesar de terem sido registrados cerca de 20 cânticos dos adeptos do Costa do Sol, dois deles em português, que serão ao final apresentados, a incorporação das ideias de Pedro Marra atreladas aos torcedores do futebol moçambicano ainda seria muito prematura, sobretudo por causa da incompreensão de minha parte do que se canta em língua(s) africana(s). Para contornar isso, provisoriamente, à época, contei com a colaboração de Clotilde Guirruogo, atriz e produtora cultural maputense, que transcreveu e traduziu alguns cânticos, além de ter ido ao jogo que conferiu o título nacional ao Costa do Sol em 2019. Mostrarei a fio algumas fotografias, dois áudios e um curtíssimo vídeo dessa campanha.

¹⁰ ZUMTHOR. A performance, p. 166.

O Moçambola de 2020 só foi disputado em 2021, mas com os portões fechados praticamente ao longo de toda a temporada, por causa da pandemia do coronavírus. Assim, à distância, só se pôde acompanhá-lo através da mídia, o que, obviamente, inviabilizou as gravações de cânticos e, por conseguinte, o andamento da pesquisa. Já os torcedores do surpreendente Black Bulls, estreantes na divisão principal, só puderam assistir ao time no estádio a pouquíssimas rodadas do final.

OS PRIMEIROS CLUBES E O 1º CAMPEONATO “NACIONAL” EM 1955

Para melhor compreender o contexto no qual a pesquisa se desenvolveria, foi necessário, antes, realizar uma digressão para conhecer parte da história do futebol africano e de sua dinâmica, hoje, em parte, semiprofissional, como em terras moçambicanas. O capítulo “Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique”, publicado em parceria com Elcio Cornelsen, no volume “África”, da coleção *Desafios Globais* (2021), que visa a contemplar promissoras pesquisas sobre o continente que ocupa cerca de 20% da totalidade da Terra, procurou traçar pontos convergentes na formação e no desenvolvimento dos primeiros clubes desses países.¹¹ Em Moçambique, o futebol “foi adotado desde as primeiras décadas do século XX, difundindo-se progressivamente entre a população colona e entre os africanos” residentes na zona central, na baixa da cidade, e na zona periférica de Lourenço Marques.¹²

Posicionada ao sul do país, em 1898, essa cidade se tornou a capital, substituindo a Ilha de Moçambique, situada ao norte, e, logo, o centro de desenvolvimento do futebol. Em 1976, após a independência, a capital passou a se chamar Maputo, seguindo a política de rompimento com a memória colonial que imperava. Foram, inclusive, os portugueses que, em 1905, fundaram o primeiro clube do recente centro urbano moçambicano, o Sport Clube Português. Em seguida, foram cria-

¹¹ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, p. 287-321.

¹² DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique: colonialismo e cultura popular*, 2015, p. 81.

dos o Grupo Lusitano (1910), o Grupo Desportivo Francisco Lázaro (1912), o Club Internacional de Futebol (1912) e o 1º de Maio (1917).¹³

Na década seguinte, surgiram três dos grandes clubes laurentinos em franca atividade até os dias de hoje: o Clube de Desportos do Maxaquene (1920), o Grupo Desportivo de Maputo (1921) e o Ferroviário de Maputo (1924). Esses clubes eram, respectivamente, denominados Sporting Clube de Lourenço Marques, filial do Sporting de Portugal (1906); Grupo Desportivo de Lourenço Marques, ligado ao Sport Lisboa e Benfica (1904); e Clube Ferroviário de Moçambique. Vale destacar que a alteração dos nomes das agremiações foi uma imposição do Estado, logo após a independência, proclamada em junho de 1975, especialmente aos clubes “que eram filiais ou tinham qualquer vínculo a clubes portugueses”.¹⁴

A expansão do futebol pelo país se daria também a partir das federações que organizaram os primeiros torneios: a União Portuguesa de Futebol, de 1923, rebatizada em 1926 com o nome de Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM), que, conforme a *International Board*, prezava pela implementação, difusão e zelo das regras do jogo; e a Associação de Futebol Africana (AFA), fundada em 1924 pelos nativos influenciados pelo associativismo sul-africano, que contava com mais de dez agremiações, dentre elas a Luso-Africana, o Vasco da Gama, o João Albasini e o Beira-Mar.¹⁵

Às margens dessas instituições, a expansão do futebol também se dava por todo o país de maneira progressiva, pois o jogo passou a ser praticado em ruas e bairros, majoritariamente por homens, diga-se de passagem. Dentre outros fatores, segundo Nuno Domingos, o aumento de interesse pelo futebol ocorreu simultaneamente

com o aumento da cobertura por parte da imprensa. Os jornais vão alimentar a popularização do jogo, trazendo notoriedade a equipes e jogadores. Não sendo apropriado falar [ainda] de profissionalização, será correto afirmar que a popularização deu lugar a uma maior competitividade e a uma paulatina especialização funcional no interior das equipes.¹⁶

¹³ DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique*, 2015, p. 81-2.

¹⁴ ROCHA. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem prospectiva, p. 219.

¹⁵ DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique*, 2015, p. 86.

¹⁶ DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique*, 2015, p. 29.

A primeira competição nacional, organizada pela AFLM, foi o Campeonato Colonial de Moçambique, entre 1955 e 1974, mais próximo dos moldes de uma copa, e já com a participação de jogadores negros e brancos, também vale ressaltar. Totalizando 18 edições, o Ferroviário de Maputo foi o maior destaque deste período, vencendo oito vezes.¹⁷

Foi neste momento que surgiu o Costa do Sol, fundado no dia 15 de outubro de 1955, filiado ao Benfica de Portugal, à altura batizado Sport Lourenço Marques e Benfica, segundo dados de seu site oficial. No entanto, após a independência de Moçambique, o clube modificou sua alcunha para Sport Maputo e Benfica e, a partir de 1978, definitivamente, passou a se chamar Clube de Desporto da Costa do Sol.¹⁸

Com o advento da independência, foi criada a Federação Moçambicana de Futebol (FMF), que implementou o primeiro campeonato nacional após a independência. Com reformulações ocorridas a partir de 2002, essa competição, disputada em dois turnos no sistema de pontos corridos, desde então, vem sendo regulada pela Liga Moçambicana de Futebol (LMF), sediada em Maputo, com autonomia administrativa, patrimonial e financeira, e passou a se chamar Moçambola.

MOÇAMBOLA, PANDEMIA E EU, COITADO: 2020/2021 É DO BLACK BULLS

Após sucessivas tentativas de arranque, a temporada de 2020 do Moçambola foi disputada por 14 equipes inteiramente em 2021, ao longo de 26 rodadas, por causa da crise sanitária derivada do surto de Covid-19. Moçambique, então, entrou em estado de alerta: “Moçambola-2020 [foi] adiado para uma data a anunciar”,¹⁹ conforme estampara a *Folha de Maputo* em sua capa do dia 18 de março de 2020. Em julho, depois de muita espera e negociação, afinal, o tempo de paralisação do campeonato era incomum até mesmo se comparado aos períodos de guerra, o periódico *O País* noticiou que o campeonato iniciaria em setembro, logo após nova pré-temporada das equipes.

¹⁷ Conf.: OGOL [Campeonato Colonial de Moçambique], 2021.

¹⁸ Conf.: SITE DO CLUBE, 2021.

¹⁹ FOLHA DE MAPUTO. Arranque do Moçambola adiado devido ao COVID-19, 18 mar. 2020;

A Secretaria do Estado do Desporto, a Federação Moçambicana de Futebol, a Liga Moçambicana de Futebol, os clubes e os agentes desportivos, como os médicos, patrocinadores e outros, estiveram reunidos na mesma sala para debater a retoma do futebol em Moçambique. A proposta saída desse encontro é um regresso aos treinos dentro de pouco tempo, e o início do Moçambola para daqui a dois meses, mas a proposta será enviada ao Conselho de Ministro para a sua aprovação e relaxamento das medidas para o desporto colectivo.²⁰

Contudo, ao longo de todo o segundo semestre de 2020, ainda sem a descoberta da vacina, as ameaças de novas mutações do coronavírus foram constantes e o início do Moçambola foi adiado para o final daquele ano – o “Moçambola 2020/21 vai arrancar, oficialmente, no dia 5 de dezembro próximo. A decisão saiu de uma reunião virtual que teve lugar nesta quinta-feira, entre a Liga Moçambicana de Futebol e os clubes”.²¹ Entretanto, nessa data, com o aumento considerável de infectados no país, o Moçambola foi novamente reagendado, mesmo Moçambique ocupando a excelente 178^a colocação mundial de mortes/1m pop., segundo dados do site *Worldometers*.²²

As preocupações do governo moçambicano não eram em vão, porque, naquele final de ano, milhares de trabalhadores moçambicanos retornariam ao país, sobretudo vindos da África do Sul, onde os índices de infecção e morte aumentavam espantosamente. Inclusive eu, *coitado*, um pesquisador cujo objeto de pesquisa “era” o cântico das aglomerações torcedoras, também contraíra o coronavírus em viagem à província de Inhambane, entre os dias 23 de dezembro e 3 de janeiro, quando, de regresso a casa, ao fim da tarde, manifestaram-se os primeiros sintomas febris, que, só eles, perduraram por onze dias. Um mal, de fato, assustador.

Quanto ao Moçambola, seu retorno só se deu mesmo em janeiro de 2021, conforme anunciado pela *Folha de Maputo* do dia 16 de janeiro: “Arranca na tarde deste sábado (hoje) na cidade de Vilankulo, no norte da província de Inhambane, o Moçambola-[2020-]2021”.²³ Esse jogo tão aguardado terminou com a goleada de quatro gols a favor do jovem clube de Vilankulo, fundado em 2014, contra um gol

²⁰ O PAÍS. Moçambola 2020 poderá arrancar dentro de dois meses, 6 jul. 2020.

²¹ TVM. Moçambola 2020/2021: Campeonato nacional arranca oficialmente a 5 de dezembro próximo, 6 dez. 2020.

²² Conf.: <https://www.worldometers.info/coronavirus>. (Atualizado em fev. 2022).

²³ FOLHA DE MAPUTO. Arranca esta tarde o Moçambola 2021, 16 jan. 2021.

do tradicional Ferroviário de Nacala, criado em 1973. A retomada do campeonato, no entanto, ocorreu sem público, conforme as precisas restrições de circulação de pessoas impostas pela política do atual governo moçambicano. À altura, o portal *DW/Moçambique*, em tom eufórico e de lamentação estampou a manchete: “Depois de uma paragem de um ano, por causa da Covid-19, o Moçambola está de volta. Adeptos só lamentam uma coisa: que não haja público nas bancadas”.²⁴

Mas, novamente, do início de fevereiro até o princípio de maio e entre o final de junho e julho de 2021,²⁵ em virtude do coronavírus, o Moçambola foi novamente paralisado. Não sem motivos, pois esse insólito contexto pandêmico foi o foco das atenções do último par de anos, obrigando o Moçambola e toda a sociedade a se reformularem perante os desafios exigidos, sobretudo em relação às leis impostas pelo Estado que geraram novas situações jurídicas e administrativas que impactaram toda a organização. Afinal, existem muitos interesses em jogo, bem como muitas manobras *fora de campo* que não são percebidas das arquibancadas.

Enfim, a abertura de jogos para o público transcorreu apenas a seis rodadas do encerramento do campeonato, no segundo semestre de 2021, com a orientação de não “superar 25% da lotação dos campos, conforme anunciou o chefe de estado moçambicano, Filipe Jacinto Nyusi, na comunicação à nação proferida na noite desta quinta-feira, 23 de setembro”.²⁶ No entanto, já no fim da competição, a volta dos torcedores aos campos foi tímida. Nessa altura, independentemente de já ter sido vacinado duas vezes, decidi não me arriscar a contrair novamente a doença, adiando, assim, minhas novas pesquisas e recolha de material, possivelmente, para 2022.

Apesar dos maus tempos, o Moçambola-2020/2021 nos trouxe uma grata surpresa, já que o ganhador foi o estreante Black Bulls, fundado em 2008, em Maputo, embora esteja mandando seus jogos no Estádio da Matola, na região metropolitana da capital. Depois dos acessos consecutivos em 2018 e 2019, os “Touros da Matola”, como a equipe é conhecida, disputaram pela primeira vez a divisão de destaque do futebol nacional. No primeiro dia de novembro, *O País* informou a notícia, que poderia incentivar novos e mais investimentos no futebol moçambicano:

²⁴ DW. “É triste”: bancadas vazias no regresso do Moçambola, 15 jan. 2021.

²⁵ OGOL [Liga Moçambique], 2021.

²⁶ OLHO CLÍNICO MOZ. Autorizada a retoma do público aos campos, Maputo, 23 set. 2021.

“A Black Bulls conquistou o título nacional de futebol, de forma inédita e virtual, quando falta por disputar uma jornada para o final da prova”.²⁷ O veículo de comunicação descreveu o caminho da equipe que vem investindo muito em seus aspirantes para alcançar o sucesso, visando a profissionalização de seus atletas:

[...] A trajectória fala por si. Em 2018 entra pela primeira vez na alta competição para disputar o Campeonato da Cidade de Maputo, prova que conquistou sem nenhuma derrota [...].

Chegou ao Campeonato da segunda divisão em representação da Cidade de Maputo, no seu segundo ano da alta competição. [...] A Black Bulls não se confinou no facto de ser estreante e “miúdo”, pelo contrário, agigantou-se, [...] e jogo a jogo [eles] foram conquistando pontos que os possibilitaram terminarem a prova em primeiro lugar [...], confirmando a presença no Moçambola-2020. [...]

Da equipa base que tinha conquistado a “segundona” da zona sul, os “touros” reforçaram apenas com cinco jogadores. [...]

Os restantes 19 jogadores eram todos da prata da casa, muitos deles da formação e outros que chegaram um ou dois anos antes.²⁸

O time também surpreendeu emplacando a artilharia do campeonato com o jovem nigeriano Ejaita Ifoni, de 21 anos. Seus 17 gols no Moçambola o levaram a ter uma chance no mercado europeu ao se transferir por empréstimo para o FC Porto, clube muito tradicional de Portugal. Nessa temporada pandêmica, o supercampeão Costa do Sol, que defendia o título, terminou apenas em quinto lugar.

VOVÔ DISSE E EU FUI LÁ OUVIR A TORCIDA CANARINHA CANTAR

Oooh
Hoje vai aquecer
Aproxima
Aproxima
Aproxima.

Cântico da torcida do Costa do Sol.²⁹

Costa do Sol é o nome do bairro em Maputo, à beira-mar, onde situam-se a sede do homônimo clube, um dos mais tradicionais de Moçambique, e o seu campo de jogo,

²⁷ O PAÍS. Black Bulls: um campeão regular e merecedor, 1º nov. 2021.

²⁸ O PAÍS. Black Bulls: um campeão regular e merecedor, 1º nov. 2021.

²⁹ “Oooh Namutla kuta hisa/ Tsunekela/ Tsunekela/ Tsunekela”. Transcrição e tradução, do xichangana ao português: Clotilde Guirruço.

com capacidade para 10 mil espectadores. Seu uniforme amarelo e azul é derivado do sol e do mar estilizados ao fundo de seu escudo, onde, em primeiro plano, destaca-se o pássaro, símbolo maior do Clube de Desportos da Costa do Sol, cuja alcunha é “Canarinhos”.



Escudos atual e inicial do Costa do Sol. Fonte: site do clube.

A grandeza do Costa do Sol no cenário moçambicano é atestada pelo elevado número de troféus, configurando-se como “o clube com mais títulos conquistados desde a independência nacional”.³⁰ Em 2019, com o primeiro lugar, o que não ocorria desde 2007, o clube superou seu maior jejum de títulos, igualando-se ao Ferroviário de Maputo com dez conquistas, e retomou a hegemonia do futebol nacional, pois possui ainda, mais do que seus adversários, 13 títulos da Taça de Moçambique e 11 da Supertaça, principais competições do país além do Moçambola.³¹ Outra conquista de relevância do Costa do Sol é o fato deles serem o único clube que possui pelo menos um título do Moçambola em todas as décadas – 1970, 80, 90, 2000 e 10 –, ratificando sua regularidade e fortíssima presença nessa competição.

³⁰ Conf.: SITE DO CLUBE, 2021.

³¹ O Costa do Sol conquistou os dez títulos do Moçambola nos anos de 1979, 1980, 1991, 92, 93, 94, 99, 01, 07 e 2019; os 13 títulos da Taça de Moçambique em 1980, 83, 88, 1992, 93, 95, 97, 99, 2000, 02, 07, 2017 e 18; e os dez títulos da Supertaça de Moçambique nos anos de 1993, 94, 96, 99, 00, 02, 03, 08, 2018, 19 e 2020.

Ao longo do segundo semestre de 2019, acompanhei de perto a única organizada torcida dos Canarinhos, a “Claque do Costa do Sol”, como os adeptos se autodenominam. Por sorte (ou intuição), escolhi acompanhar a torcida mais vibrante do Moçambola, a que viria a comemorar o título e a artilharia da competição, alcançada com os 24 gols do camaronês Eva Nga.

Em um primeiro momento, o comportamento dos torcedores se assemelhava ao dos brasileiros que conheço de perto por frequentar, desde a infância e adolescência nos anos 1980, as arquibancadas dos União Futebol Clube, de Lajinha/MG, e do Independente, de Ibatiba/ES, times amadores da região do Caparaó mineiro e capixaba. A partir da juventude, passei a frequentar jogos no Mineirão e no Independência, em Belo Horizonte, na arquibancada do Atlético Mineiro, time que também acompanhei em jogos fora do país pela Copa Libertadores da América, em 2016 e 17, conhecendo outros modos de torcedor – argentinos, bolivianos, chilenos, peruanos e paraguaios. Nesse sentido, como assegurado por Hilário Franco Júnior, em *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*, parece haver fatores psicossociais em comum entre os torcedores de todo o mundo. Afinal,

[...] seguir determinado clube é acreditar, mesmo contra as evidências racionais, que ele vá vencer. Como o futebol é jogo de muitos erros [...] e pouca pontuação [...], mantém o torcedor em constante expectativa. Impotente na arquibancada, o adepto de um clube crê que sua fé e seu estímulo possam colaborar para que seus ídolos levem a divindade comum à vitória.³²

Como no Brasil, a claque dos Canarinhos se organizava para ir aos jogos do seu time dentro e fora de casa. Nas pelepas em seus domínios, era curioso observar sua performance. Os torcedores, homens jovens em sua grande maioria, também vestiam a camisa do clube e se posicionavam juntos nas arquibancadas. Em pé, estrategicamente, quase todo o jogo, eles dançavam, cantavam e tocavam seus instrumentos, “[...] a xipalapala, mais conhecida no Brasil por vuvuzela, que ganhou forte exposição da mídia na Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, e o atabaque, feito por eles mesmos em couro, tocado com varetas de madeira, algumas sem qualquer acabamento”.³³ A

³² FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 292.

³³ GUIMARÃES; CORNELSEN. *Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique*, 2021, p. 315.

maioria dos cânticos era composta pelos membros da claque, com destaque para o Reginaldo, com quem conversei por duas vezes.



Jogo do Costa do Sol, 2019. Fonte: PeDRa LeTRa.

Sem dúvida, do meu ponto de vista (de um estrangeiro), o que mais chamou a atenção é o fato de os torcedores do Costa do Sol comporem e cantarem as músicas em língua materna. “Os cânticos em sua grande maioria são entoados em xi-changana, principal língua de origem africana falada na parte sul de Moçambique, e que em Maputo está misturada com o xirhonga, o português e outras línguas”.³⁴ São raras as composições na “língua oficial” do país, pois é a nativa a mais compreendida também pela maioria dos jogadores. Esse fenômeno se expande ainda mais em decorrência das transmissões radiofônicas que oferecem invariavelmente aos torcedores a possibilidade de escutarem os jogos em língua materna, diferentemente das transmissões pela TV que narram as partidas apenas em português. Vale destacar que, “de uma forma geral, a Rádio Moçambique (RM) usa 20 línguas

³⁴ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, 2021, p. 315.

nas suas emissões (19 línguas + swahili) e, desde 2018, a TV Moçambique (TVM) emite [notícias] em 15 línguas”.³⁵

Em recente entrevista de Paulina Chiziane concedida a Nazareth Fonseca e Rogério Tavares, pela Academia Mineira de Letras, a escritora moçambicana, assegura algo importante acerca dessa tensão entre as línguas africanas e europeias:

[...] a língua portuguesa não dialogou com os povos africanos, impôs-se. [...] A língua portuguesa não penetrou na cultura do povo bantu. [...] Portanto, os invasores, sejam eles de Portugal, da França, da Inglaterra, precisam de regressar à África para dialogar com as línguas, com a cultura e com o povo, se nós queremos ser uma humanidade mais equilibrada.

Escrev[o] em português, mas o meu português não alcança minha cultura, não é possível. Toda língua é um repositório de cultura. [...] As culturas de um e de outro lado precisam de dialogar e não viver nesse conflito. [...] É preciso descolonizar as línguas.³⁶

Paulina, em seu discurso no Ministério da Cultura e Turismo, em Maputo, pelo recebimento do Prêmio Camões, fez o seguinte apelo: “[...] a Luis de Camões, que me deu este prêmio, é este [o convite], tão simples: ele me ensinou a falar português, então, que venha aprender também cicopi, xichangana, shimakonde, todas as línguas da nossa terra”.³⁷ Vale lembrar que a língua é um fenômeno psicossocial que confere sobretudo sentido de pertença.

Em 2019, de acordo com cerca de 20 registros gravados, foram entoados pelos auricelestes apenas dois cânticos em português. Um deles, tradicionalíssimo, somente evocava o nome do clube:

Yooo, yo yo yo yo yo
É Costa do Sol
Yooo, yo yo yo yo yo
É Costa do Sol.
(Conf.: <https://bit.ly/3AZ6LsU>).

O outro era entoado, circunstancialmente, com a intenção de não deixar o time do Costa do Sol se abater logo após sofrer um revés:

³⁵ ATLAS linguístico de Moçambique, DRI/CEA/UFMG, 2022. Palestras de Carlos Manuel, David Langa, Paulo Covele.

³⁶ CHIZIANE. Entrevista com Paulina Chiziane. Academia Mineira de Letras, 2021.

³⁷ CHIZIANE. Ministério da Cultura e Turismo verga-se à dimensão literária de Paulina Chiziane. TVM, 2021.

Ganha moral, ganha moral
 Ganha moral, ganha moral.
 (Conf.: <https://bit.ly/3osf0sl>).

Algumas músicas são extraídas do cancionero popular, como “Salani/Adeus” – “Adeus, adeus/ Adeus, adeus/ Adeus, meus irmãos/ Voltaremos a nos ver/ Se o Senhor quiser –,³⁸ cantada tradicionalmente nas igrejas ou de forma alegre em despedidas familiares, geralmente, em noivados. Entretanto, deslocada para o campo de futebol, essa música e outras ganham sentidos variados, como se pode constatar ao final do vídeo.



Vídeo: <https://youtu.be/zsh7jyDaXCE>. Edição: PeDRa LeTRa.

Este audiovisual mostra parte da torcida pulando o alambrado, invadindo o campo e comemorando junto com os jogadores o título que não vinha há 12 anos. Ao apontar a lente para a multidão e ampliá-la, vê-se um dos gajos que eu vinha observando nas bancadas ao longo daquela temporada na Costa do Sol. Ele se destacava muito vestido com o seu paletó dourado e sua peruca loura. Eu ainda não tinha o visto naquela festiva e chuvosa tarde de 4 de dezembro de 2019 – em Moçambique, raramente ocorrem jogos à noite, porque a iluminação é dispendiosa. Eu já nem me lembro o nome dele, mas queria saudá-lo e dizer algo sobre aquela tem-

³⁸ “Salani, salani/ Salani, salani/ Salanini vha makwezu/ Hita tlela hi vhonana/ Kloko hosi yi svilavha”. Transcrição e tradução do xichangana ao português de Clotilde Guirruogo.

porada. Queria falar sobre o Isac, o Manucho, o Jorge ou o Eva Nga. Enfim, queria gravar um depoimento dele, um canto. Mas não o fiz, talvez por presumir que logo o encontraria ali, em março de 2020, no início do próximo certame. Mas, não, o estado de pandemia foi instalado em todo o mundo, quase todas as atividades ficaram suspensas, as outras em alerta.

Agora, que tudo passou, quem sabe no próximo Moçambola, programado para arrancar em maio de 2022, eu o reencontre. Tenho uma curiosidade genuína de saber onde esse sujeito mora, onde trabalha. Por que ele sempre comparece ao campo do Costa do Sol? Ele frequenta o clube ao longo da semana, ele joga futebol? Enfim, quais seriam suas motivações para compor, cantar, tocar e dançar? Assim, talvez seja a hora, mais uma vez, de o futebol, com o auxílio dos estudos culturais e da linguagem, prestar-se à função de chave de leitura para a sociedade, seja pela riqueza da arte de vibrar, seja pela potência de expressar identidades por meio dos cânticos dos torcedores.³⁹

Para terminar, reafirmo que pesquisar cânticos (e hinos) moçambicanos de futebol continua sendo um grande desafio, pois demanda procedimentos que auxiliem a falta de fontes, como a etnografia apresentada neste estudo e no referido capítulo “Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique” – anotação, entrevista, gravação, transcrição, tradução, presença nas arquibancadas etc. Para continuar trilhando o caminho apresentado, seria mais produtivo poder contar com uma equipe de pelo menos três pesquisadores, além de desenvolver métodos comparativos que abarquem grupos de torcedores que cantem em outras línguas moçambicanas. Análises contrapontísticas entre cânticos certamente reforçariam alguns aspectos já apontados, bem como iluminariam outros, sobretudo os relacionados ao campo da linguagem e de seu papel *performático* durante os jogos. Na concepção de Zumthor, a “*Performance* implica *competência*. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo”.⁴⁰

³⁹ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, 2021, p. 319.

⁴⁰ ZUMTHOR. A performance, p. 166 (grifos do autor).



Campo do Costa do Sol. Fonte: Site oficial do Costa do Sol.

E se um dia eu voltar a viver no Brasil, levarei o Moçambola marcado na lembrança, especialmente a temporada de 2019, quando me tornei um torcedor auriceleste. E quando for a hora de deixar Moçambique, um outro Moçambola igualmente irá comigo, o homônimo gato adotado aos três meses de idade, um dia antes do início da pandemia. Naquele março de 2020, o felino Moça, que pouco se importa com o futebol, mas igualmente tem muito a nos ensinar, apareceu para ficar, como o pássaro cantador estampado no lado esquerdo do peito da camisa do Costa do Sol. E, como canta o Bob Dylan,

[...] quando é hora de ir embora de Moçambique
 Dizer adeus à areia e ao mar
 Você vira e dá uma última espiada
 E vê por que é tão único estar
 Entre as pessoas lindas que vivem livres
 Na praia do ensolarado Moçambique.⁴¹

* * *

⁴¹ MOZAMBIQUE. Bob Dylan (site). <https://www.bobdylan.com/songs/mozambique>. Original: “And when it’s time for leaving Mozambique/ To say goodbye to sand and sea/ You turn around to take a final peek/ And you see why it’s so unique to be/ Among the lovely people living free/ Upon the beach of sunny Mozambique”.

p/ Henrique Lee,
pelos estímulos e pela amizade – pelas cartografias.

* * *

REFERÊNCIAS

- ATLAS LINGUÍSTICO de Moçambique. Palestras de Carlos Manuel, David Langa, Paulo Covele. Mediação: Fábio Duarte. Diretoria de Relações Internacionais; Centro de Estudos Africanos, UFMG. Disponível em: <https://bit.ly/3spa88M>. Acesso em: 09 fev. 2022.
- CHIZIANE, Paulina. Entrevista com Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões, 2021. Maria Nazareth Soares Fonseca; Rogério Faria Tavares. Academia Mineira de Letras, 2022, Disponível em: <https://bit.ly/3uqJVrl>. Acesso em 09 fev. 2022.
- CHIZIANE, Paulina. Ministério da Cultura e Turismo verga-se à dimensão literária de Paulina Chiziane. TVM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Kgzyx2>. Acesso em 28 jan. 2021.
- CORNELSEN, Elcio. Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares. **Aletria**: revista de estudos de literatura, v. 22, n. 2, p. 59-71, 2012.
- DW (Moçambique). "É triste": bancadas vazias no regresso do Moçambola, Bonn, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3nzRQ>. Acesso: 02 dez. 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: para uma literatura menor. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- DOMINGOS, Nuno. **As linguagens do futebol em Moçambique**: colonialismo e cultura popular. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- DYLAN, Bob. **Bob Dylan**: Letras (1975-2020). Trad.: Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2021.
- FOLHA DE MAPUTO. Arranque do Moçambola adiado devido ao COVID-19, Maputo, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3glX7HB>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- FOLHA DE MAPUTO, Arranca esta tarde o Moçambola 2021, Maputo, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3sehrjG>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; CORNELSEN, Elcio. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique. In: SALIBI, Aziz Tuffi; LOPES, Dawisson Belém; ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Orgs.). **África**: Coleção Desafios Globais, v. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021, p. 287-321.
- MARRA, Pedro Silva. **Vou ficar de arquibancada pra sentir mais emoção?**: técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro. Tese (Doutorado em Comunicação), UFF, Niterói, 2017.
- MELO, Victor Andrade de. **Jogos de contrastes**: o esporte na Guiné Portuguesa. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020.

MOZAMBIQUE. Bob Dylan. <https://www.bobdylan.com/songs/mozambique>.

OGOL (portal digital sobre competições). Campeonato Moçambicano. Disponível em: https://www.ogol.com.br/edicao.php?id_edicao=149866.

OLHO CLÍNICO MOZ. Autorizada a retoma do público aos campos, Maputo, 23 set. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3GuUcqr>. Acesso em: 02 dez. 2021.

O PAÍS. Black Bulls: um campeão regular e merecedor, Maputo, 1º nov. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Gx8qap>. Acesso em: 02 dez. 2021.

O PAÍS. Moçambola 2020 poderá arrancar dentro de dois meses, Maputo, 06 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3oo9vuM>. Acesso em: 02 dez. 2021.

PATEL, Samima; MAJUISSE, Atanásio; TEMBE, Félix. **Manual de línguas moçambicanas**: formação de professores do ensino primário e educação de adultos. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. Maputo: Progresso, 2019.

SITE DO CLUBE. Clube de Desportos da Costa do Sol (site oficial), 2020. Disponível em: www.costadosol.co.mz/. Acesso em: 28 jan. 2021.

ROCHA, Aurélio. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem prospectiva. In: NASCIMENTO, Augusto et al. (Orgs.). **Esporte e lazer na África**: novos olhares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 213-240.

TVM. Moçambola 2020/2021: Campeonato nacional arranca oficialmente a 5 de Dezembro próximo, Maputo, 6 dez. 2020. Disponível: <https://bit.ly/3rpfhOT>. Acesso em: 02 dez. 2021.

ZUMTHOR, Paul. A performance. **Introdução à poesia oral**. In: _____. Trad. Jerusa Pires; Maria Lúcia Pochat; Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 163-232.

* * *

Recebido em: 07 fev. 2022
Aprovado em: 14 abr. 2022